



A obra de arte de BANKSY, no Hospital Geral de Southampton (Reino Unido).
Reprodução / Twitter / Banksy

o coronavírus de hoje e o mundo de amanhã

Os países asiáticos estão a lidar melhor com esta crise do que o Ocidente. Enquanto lá se trabalha com análise de dados e máscaras, aqui chegamos atrasados e encerramos fronteiras, escreve **BYUNG-CHUL HAN**, filósofo e ensaísta sul-coreano que dá aulas na Universidade de Artes de Berlim. Autor, entre outras obras, de **A SOCIEDADE DO CANSAÇO** * (Vozes 2017), em artigo publicado por *El País*, 22-03-2020:

E m minha opinião, este artigo faz-nos pensar, pois nos mostra as limitações do modelo ocidental, caracterizado pela privacidade, individualista, cheio de fronteiras e refém das soberanias nacionais, incapaz de enfrentar doenças coletivas, como as pandemias. Revela-nos o modelo asiático, coletivista, centralizado, autoritário, controlador de todas as pessoas e de cada uma delas e, por isso também, as suas doenças. Só na China existem duzentos milhões de câmaras de vigilância, que sabem tudo acerca de toda a gente, até mesmo sobre a vida dos amantes escondidos. É um regime à la Orwell, onde o Estado soberano se transformou no grande pai policial que aprova e condena, consoante as conveniências do governo totalitário. Se isto é terrível em termos de democracia, tal como a entendemos no Ocidente, é eficaz no combate às pandemias, pois controla cada contaminado, com quem ele esteve, e onde as pessoas estão, advertindo-as logo e tomando as devidas precauções. O autor defende que esta situação não vai atingir o sistema capitalista; discordo, pois penso que esta crise atinge não só os corpos, mas também as mentes, as mentalidades e o modo de habitar na Casa Comum. O autor, muito embora sendo considerado um novo filósofo, move-se ainda dentro do velho paradigma que imagina o universo, a Terra e a vida como realidades desligadas umas das outras, quando sabemos que tudo forma uma rede imensa de inter-retroconexões, que acaba por criar uma comunidade de destino Terra/Humanidade. Não basta superar o coronavírus à maneira asiática, temos de reinventar um modo novo de sentir, de pensar, de nos definirmos juntamente com a comunidade de vida (os demais seres vivos), dentro da mesma Terra viva. O vírus força-nos a mudar. Caso contrário, poderá vir outro pior, que faça com que a maioria dos humanos possa ser excluída do processo da evolução da vida. Temos de extrair as lições certas deste vírus, para não cometermos os mesmos erros que provocarão outros vírus, talvez, mais potentes e verdadeiramente exterminadores. Não obstante estas observações críticas, vale a pena ler este texto já que, no Ocidente, raramente se publicam coisas assim e, na nossa arrogância de sermos os melhores, não costumamos tomá-las a sério: L. Boff

[*] Ver *Folha Dominical* nº 1942, de 24.01.2016

O CORONAVÍRUS ESTÁ A COLOCAR À PROVA O NOSSO SISTEMA. Ao que parece, a Ásia controla melhor a epidemia do que a Europa. Em Hong Kong, Taiwan e Singapura há poucos infetados. Em Taiwan foram registados cento e oito casos e cento e noventa e três em Hong Kong. Na Alemanha, pelo contrário, após um período muito mais breve, já existem dezanove mil casos confirmados, e na Espanha dezanove mil novecentos e oitenta (dados de 20 de março). A Coreia do Sul já superou a pior fase, da mesma forma que o Japão. Até a China, o país de origem da pandemia, já a tem bem controlada. Mas Taiwan e Coreia não decretaram a proibição de sair de casa, e as lojas e restaurantes não fecharam. Entretanto, iniciou-se um êxodo de asiáticos que abandonam a Europa. Chineses e coreanos querem regressar aos seus países, porque lá se sentem mais seguros. Os preços dos voos multiplicaram de preço. Já quase não é possível conseguir passagens aéreas para a China e a Coreia.

A Europa está a fraquejar. Os números de infetados aumentam exponencialmente. Parece que a Europa não consegue controlar a pandemia. Na Itália morrem, diariamente, centenas de pessoas. Os ventiladores são retirados aos pacientes idosos para acudir aos mais jovens. E também se verificam ações inúteis. O encerramento de fronteiras é, evidentemente, uma expressão desesperada de soberania. Sentimo-nos de regresso à época das soberanias. O soberano é quem decide sobre o estado de exceção. É o soberano que encerra as fronteiras. Mas isso não passa de uma vã tentativa de soberania que para nada serve. Seria muito mais útil cooperar, intensamente, dentro da Eurozona, do que encerrar fronteiras alucinadamente. Ao mesmo tempo, também, a Europa decretou a proibição da entrada de estrangeiros: um ato totalmente absurdo, tendo em conta o facto de a Europa ser, precisamente, o local para onde ninguém quer ir. Na melhor das hipóteses, seria mais sensato decretar a proibição de saída dos europeus, para assim proteger o mundo da Europa. Afinal, a Europa é, neste momento, o epicentro da pandemia.

As vantagens da Ásia

Em comparação com a Europa, quais são as vantagens que o sistema asiático nos oferece, e que são eficientes para combater a pandemia? Estados

como o Japão, a Coreia, a China, Hong Kong, Taiwan e Singapura têm uma mentalidade autoritária, que deriva da sua tradição cultural (confucionismo). As pessoas são menos relutantes e mais obedientes do que na Europa. Também confiam mais no Estado. E não somente na China, como também no Japão, a vida quotidiana está organizada muito mais rigidamente do que na Europa. Para enfrentar o vírus, os asiáticos apostam principal e intensamente na vigilância digital. Suspeitam que o *big data* – ou seja, um conjunto de dados de grande volume, variedade e velocidade – pode ter um enorme potencial, para se defenderem da pandemia. Poderíamos dizer que, na Ásia, as epidemias não são combatidas somente pelos virologistas e epidemiologistas, mas, principalmente, pelos especialistas em informática e macrodados. Uma mudança de paradigma da qual a Europa ainda não se apercebeu. Os apologistas da vigilância digital proclamam que o *big data* salva vidas humanas.

Na Ásia, a consciência crítica face à vigilância digital é, praticamente, inexistente. Já quase não se fala de proteção de dados, mesmo em Estados liberais como o Japão e a Coreia. Ninguém se irrita pelo frenesi das autorida-

des em compilar dados. Entretanto, a China introduziu um sistema de crédito social inimaginável para os europeus, que permite uma valorização e avaliação exaustiva das pessoas. Cada pessoa deve ser avaliada, em consequência da sua conduta social. Na China, não há nenhum momento da vida quotidiana que não esteja submetido à observação. Qualquer clique, qualquer compra, qualquer contacto, quaisquer atividades nas redes sociais são controladas. Quem atravessa no sinal vermelho, quem contacta com críticos do regime, e quem faz comentários críticos nas redes sociais, perde pontos. A vida, então, pode chegar a tornar-se muito perigosa. Pelo contrário, quem compra pela internet alimentos saudáveis e lê jornais que apoiam o regime, ganha pontos. Quem obtém uma pontuação suficiente para tal, adquire um visto de viagem e créditos baratos. Pelo contrário, quem permanece abaixo de um determinado número de pontos, pode perder o seu emprego. Na China, esta vigilância social é possível, porque ocorre uma troca de dados sem limites entre os fornecedores da internet e da comunicação por telemóvel e as autoridades. Praticamente, proteção de dados é coisa que não existe. No vocabulário dos chineses, a expressão “esfera privada” não existe.

Na China, existem duzentos milhões de câmaras de vigilância, muitas delas com uma técnica muito eficiente de reconhecimento facial. Captam, até mesmo, os pequenos sinais do rosto. Não é possível escapar das câmaras de vigilância. São dotadas de inteligência artificial e, nos espaços públicos, nas lojas, nas ruas, nas estações e nos aeroportos, podem observar e avaliar qualquer pessoa.

Toda esta infraestrutura de vigilância digital se revelou, agora, extremamente eficaz para conter a epidemia. Quando alguém sai da estação de Pequim, é captado, automaticamente, por uma câmara que mede a sua temperatura corporal. Se a temperatura é preocupante, todas as pessoas que estavam sentadas na mesma carruagem recebem uma mensagem nos seus telemóveis. Não é por acaso que o sistema sabe quem estava sentado e em que lugar do comboio. As redes sociais afirmam que estão, até, a usar drones para controlar as quarentenas. Se alguém interrompe, clandestinamente, a quarentena, um drone voa na sua direção, ordenando-lhe que regresse à sua casa. Provavelmente, quem sabe, até lhe aplica uma multa que cai voando do drone. Uma situação que, para os europeus,

seria anómala, mas que, pelos vistos, não desencadeia qualquer resistência na China.

Na China, e noutros Estados asiáticos como a Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura, Taiwan e Japão, não existe uma consciência crítica face à vigilância digital e ao *big data*. A digitalização embriaga-os diretamente. O que obedece, também, a um motivo cultural. Na Ásia impera o coletivismo. Não há um individualismo acentuado. O individualismo não é a mesma coisa que o egoísmo, que evidentemente também, está muito propagado na Ásia.

Ao que parece, o *big data* é mais eficaz para combater o vírus, do que os absurdos encerramentos de fronteiras que se sucedem, neste momento, na Europa. Entretanto, na Europa, graças à proteção de dados, não é possível um combate digital do vírus comparável ao asiático. Os fornecedores chineses de comunicações por telemóvel e internet compartilham os dados sensíveis dos seus clientes com os serviços de segurança e com os ministérios da saúde. O Estado sabe, portanto, onde eu estou, com quem me encontro, o que faço, o que procuro, em que penso, o que como, o que compro, aonde me dirijo. É possível que, no futuro, o Estado controle, também, a minha tem-

peratura corporal, o meu peso, o nível de açúcar no sangue etc. Uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital que controla, ativamente, as pessoas.

Em Wuhan, surgiram milhares de equipas de pesquisa digitais que procuram possíveis infetados, baseando-se, somente, em dados técnicos. Tendo como base, unicamente, a análise de macrodados, averiguam os que são potenciais infetados, os que precisam de continuar a ser observados e, eventualmente, isolados em quarentena. O futuro, também, está na digitalização no que se refere à pandemia. Pela epidemia talvez devêssemos, até, redefinir a soberania. É soberano quem dispõe de dados. Quando a Europa proclama o estado de alarme e fecha fronteiras, continua aferrada a velhos modelos de soberania.

Não somente na China, como, também, noutros países asiáticos, a vigilância digital é, intensamente, utilizada para conter a epidemia. Em Taiwan, o Estado envia, simultaneamente, a todos, um SMS para localizar as pessoas que tiveram contato com infetados, e para informar sobre os lugares e edifícios em que existiram pessoas contaminadas. Já numa fase muito inicial, Taiwan utilizou uma conexão de diversos dados, para localizar possíveis infetados em função das viagens que fizeram. Na Coreia, quem se aproxima de um edifício em que um infetado esteve, recebe, através do “Corona-app”, um sinal de alarme. Todos os lugares em que estiveram infetados estão registados na aplicação. A proteção de dados e a esfera privada, não são levadas em grande consideração. Em todos os edifícios da Coreia foram instaladas câmaras de vigilância em cada andar, em cada escritório e em cada loja. É, praticamente, impossível as pessoas moverem-se em espaços públicos, sem serem filmadas por uma câmara de vídeo. Com os dados do telemóvel e do material filmado por vídeo, é possível criar o perfil do movimento completo de um infetado. São publicados os movimentos de todos os infetados. Casos amorosos secretos podem ser revelados. Nos escritórios do ministério da Saúde coreano existem pessoas chamadas “tracker” que nada mais fazem, dia e noite, do que verificar o material filmado por vídeo, para completar o perfil do movimento dos infetados, e localizar as pessoas que tiveram contacto com eles.

Uma diferença bem evidente entre a Ásia e a

Europa, é a da questão das máscaras protetoras. Na Coreia, quase não existe quem ande por aí sem máscaras respiratórias especiais, capazes de filtrar o ar do infetado. Não são as habituais máscaras cirúrgicas, mas sim máscaras protetoras especiais com filtros, que também são utilizadas pelos médicos que tratam dos infetados. Durante as últimas semanas, o tema prioritário na Coreia foi o fornecimento de máscaras à população. Formaram-se enormes filas à frente das farmácias. Os políticos eram avaliados, em função da rapidez com que conseguiram fornecê-las a toda a população. Foram construídas, a toda a pressa, novas máquinas para a sua fabricação. Por enquanto, parece que o fornecimento funciona bem. Há, até mesmo, uma aplicação que informa qual a farmácia mais próxima, onde ainda se podem conseguir máscaras. Acho que as máscaras protetoras, fornecidas na Ásia a toda a população, contribuíram, decisivamente, para conter a epidemia.

Os coreanos usam máscaras protetoras antivírus, até mesmo, nos locais de trabalho. Até os políticos aparecem em público sempre com máscaras protetoras. O presidente coreano também a usa para dar o exemplo, mesmo nas suas entrevistas

coletivas. Na Coreia, quem não a usa é repreendido. Na Europa, pelo contrário, diz-se, frequentemente, que não servem para grande coisa, o que é um absurdo. Então, por que é que os médicos usam máscaras protetoras? É preciso, contudo, trocar de máscara frequentemente, porque, quando elas umedecem, perdem a capacidade de filtrar. Os coreanos, entretanto, já desenvolveram uma “máscara para o coronavírus” feita de nanofiltros que podem ser lavados. Diz-se que podem proteger as pessoas do vírus durante um mês. É, na verdade, uma solução muito boa, enquanto não existem vacinas e medicamentos.

Na Europa, pelo contrário, até mesmo os médicos precisam de viajar até à Rússia para as conseguir. Macron mandou confiscar máscaras, para as distribuir pelos funcionários da área da saúde. Afinal, acabaram por receber máscaras normais sem filtro, com a indicação de que seriam suficientes para proteger do coronavírus, o que é falso. A Europa está a fraquejar. De que adianta fechar lojas e restaurantes, se as pessoas continuam a aglomerar-se no metro e nos autocarros às horas de ponta? Como guardar, deste modo, as distâncias necessárias? Até nos supermercados isso é quase impossível. Numa situação assim, as máscaras protetoras salvariam, realmente, muitas vidas humanas. Está a surgir uma sociedade de duas classes. Quem tem carro próprio, expõe-se a menos riscos. As máscaras normais, também, seriam de muita utilidade, se os infetados as usassem, porque, dessa forma, não propagariam o vírus.

Nos países europeus, quase ninguém usa máscara. Há alguns que as usam, mas são asiáticos. Os meus conterrâneos residentes na Europa queixam-se de serem olhados com estranheza, quando as usam. Por trás deste comportamento, está uma diferença cultural. Na Europa, impera um individualismo que implica o costume de andar de rosto descoberto. Os únicos que nos surgem mascarados são os criminosos. Mas agora, ao ver imagens da Coreia, acostumei-me tanto a ver pessoas com máscara, que o rosto descoberto dos meus concidadãos europeus já me parece quase obsceno. Também gostaria de usar máscara protetora, mas, onde moro, já não existem.

No passado, a fabricação de máscaras, da mesma forma que tantos outros produtos, foi deslocalizada para a China. Por isso, agora, não se con-

seguem máscaras na Europa. Os Estados asiáticos estão a tentar prover toda a população com máscaras protetoras. Na China, quando, também, começaram a escassear, houve fábricas que chegaram a ser reequipadas para produzir máscaras. Na Europa, nem mesmo os funcionários da área da saúde as conseguem. Enquanto as pessoas continuarem a aglomerar-se nos autocarros e no metro para irem para o trabalho, sem máscaras protetoras, a proibição de sair de casa, logicamente, não adiantará grande coisa. Como é possível guardar as distâncias necessárias nos autocarros e no metro à hora de ponta? Uma lição a tirar da pandemia deveria ser a da conveniência de voltar a trazer para a Europa a produção de determinados produtos, como máscaras protetoras, remédios e produtos farmacêuticos.

Apesar de todo o risco, que não deve ser minimizado, o pânico desencadeado pela pandemia do coronavírus é desproporcionado. Nem mesmo a “gripe espanhola”, que foi muito mais letal, teve efeitos tão devastadores sobre a economia. A que se deve isso, na realidade? Por que é que o mundo reage com um pânico tão desmesurado face a um vírus? Emmanuel Macron fala, até, de guerra e do inimigo

invisível que é preciso derrotar. Estamos perante o retorno de um inimigo? A gripe espanhola desencadeou-se em plena primeira Guerra Mundial. Naquela altura, todo o mundo estava cercado de inimigos. Ninguém se lembraria de associar a epidemia a uma guerra ou a um inimigo. Mas hoje, vivemos numa sociedade totalmente diferente.

Na verdade, vivemos durante muito tempo sem inimigos. A Guerra Fria terminou há muito tempo. Ultimamente, até o terrorismo islâmico parecia ter se deslocado para áreas mais distantes. Há exatamente dez anos, defendi no meu ensaio **A Sociedade do Cansaço**, a tese de que vivemos numa época em que o paradigma imunológico perdeu a sua vigência baseada na negatividade do inimigo. Como nos tempos da Guerra Fria, a sociedade organizada imunologicamente caracteriza-se por viver cercada de fronteiras e de cercas, que impedem a circulação acelerada de mercadorias e de capital. A globalização suprime todos esses limites imunitários, abrindo caminho livre ao capital. Até mesmo a promiscuidade e a permissividade generalizadas, que hoje se propagam por todos os âmbitos vitais, eliminam a negatividade do desconhecido e do inimigo. Os perigos não nos vêm hoje da negatividade do inimigo, mas sim do excesso de positividade, que se expressa como excesso de rendimento, excesso de produção e excesso de comunicação. A negatividade do inimigo já não tem lugar na nossa sociedade ilimitadamente permissiva. A repressão aos cuidados de outros abre espaço à depressão, a exploração por outros, abre espaço à autoexploração voluntária e à autonomização. Na sociedade do rendimento, a guerra é feita, sobretudo, contra nós mesmos.

Limites imunológicos e encerramento de fronteiras

Pois bem, no meio duma sociedade, assim, tão enfraquecida imunologicamente pelo capitalismo global, o vírus irrompe de supetão. Em pânico, voltamos a erguer limites imunológicos e a encerrar fronteiras. O inimigo voltou. Já não guerreamos contra nós mesmos, mas sim contra o inimigo invisível que nos vem de fora. O pânico desmedido causado pelo vírus é uma reação imunitária social, e até global, ao novo inimigo. A reação imunitária é assim tão violenta, por termos vivido, durante muito tempo, numa sociedade sem inimigos, numa sociedade da

positividade, e, agora, o vírus ser visto como um terror permanente.

Mas há outro motivo para este pânico tremendo. Mais uma vez, tem a ver com a digitalização. A digitalização elimina a realidade, a realidade é experimentada graças à resistência que oferece, e que, também, pode ser dolorosa. A digitalização, toda a cultura do “like”, suprime a negatividade da resistência. E na época pós-fática das *fake news* e *deepfakes*, surge uma apatia face à realidade. Desta forma, neste caso, é um vírus real e não um vírus de computador, que causa toda a comoção. A realidade, a resistência, volta a surgir no formato de um vírus inimigo. A violenta e exagerada reação de pânico ao vírus, explica-se em função dessa comoção face à realidade.

A reação de pânico dos mercados financeiros perante a epidemia é, além disso, a expressão daquele pânico que já lhes é inerente. As convulsões extremas na economia mundial, fazem com que esta fique muito vulnerável. Apesar da curva constantemente crescente do índice das Bolsas, a arriscada política monetária dos bancos emissores gerou, nos últimos anos, um pânico reprimido, que aguardava o momento de explosão. Provavelmente,

o vírus não é mais do que a gota que transbordou do copo. O que se reflete no pânico do mercado financeiro não é, tanto, o medo ao vírus, quanto o medo de si mesmo. O crash poderia ter ocorrido também sem o vírus. Talvez o vírus seja, apenas, o prelúdio de um crash muito maior.

Žižek afirma que o vírus deu um golpe mortal no capitalismo, e evoca um comunismo obscuro. Acredita, até, que o vírus poderá vir a derrubar o regime chinês. Žižek engana-se. Nada disso acontecerá. A China poderá, agora, vender o seu regime policial digital como um modelo de sucesso contra a pandemia. A China exibirá, ainda com mais orgulho, a superioridade do seu sistema. E após a pandemia, o capitalismo continuará com mais pujança ainda. E os turistas continuarão calcoteando o planeta. O vírus não pode substituir a razão. É possível que chegue até ao Ocidente o regime policial digital ao estilo chinês. Com já disse Naomi Klein, a comoção é um momento propício que permite estabelecer um novo sistema de governo. Também a instauração do neoliberalismo foi precedida, frequentemente, de crises que causaram comoções. Foi o que aconteceu na Coreia e na Grécia. Espero que, após a comoção causada por este vírus, não nos chegue à Europa um regime policial digital como o chinês. Se isso ocorrer, como teme Giorgio Agamben, o estado de exceção passará a ser a situação normal. O vírus, então, terá conseguido o que nem mesmo o terrorismo islâmico conseguiu totalmente.

O vírus não vencerá o capitalismo. A revolução viral não chegará a ocorrer. Nenhum vírus é capaz

de fazer a revolução. O vírus isola-nos e individualiza-nos. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De certo modo, cada qual se preocupa, apenas, com a sua própria sobrevivência. A solidariedade baseada na guarda de distâncias mútuas, não é uma solidariedade que permita sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa. Não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus. Precisamos de acreditar que, após o vírus, virá uma revolução humana. Somos NÓS, PESSOAS dotadas de RAZÃO, que precisamos de repensar e restringir radicalmente o capitalismo destrutivo, e a nossa ilimitada e destrutiva mobilidade, para nos salvarmos, para salvarmos o clima e este nosso belo planeta.

BYUNG-CHUL HAN.

Filósofo e ensaísta.

<https://leonardoboff.wordpress.com/2020/03/23/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha/filosofia-byung-chul-han/>

na capa:

BANKSY criou uma obra chamada *Game Changer* que está exposta num corredor no Hospital Geral de Southampton, no Reino Unido. Na obra é possível ver uma criança a brincar com uma "nova super-heroína": uma enfermeira. Descartados no lixo, estão as figuras do *Batman* e do *Homem-Aranha*.

Segundo o *The Guardian*, BANKSY deixou um bilhete para os funcionários do hospital: **"Obrigado por tudo que estão a fazer. Espero que isto ilumine um pouco o local, mesmo que seja a preto e branco."** A obra, com cerca de um metro quadrado, vai ficar no Hospital Geral de Southampton e, depois será exposta em público e leiloadada para arrecadar dinheiro para instituições de caridade NHS (sigla inglesa para o Serviço Nacional de Saúde).

